

O sexo inventado

Na direção contrária às ciências naturais e ao pensamento comum, apresentamos a teoria antropológica sobre a questão de gênero, nas quais o feminino e o masculino são, sobretudo, construções sociais (MAYSA RODRIGUES)



Dentre os quarenta e seis cromossomos do mapa genético humano, apenas um diferencia biologicamente as mulheres dos homens. Entretanto, esse detalhe microscópico foi o suficiente para dividir quase toda a humanidade em dois grupos que se interpenetram sem nunca perderem sua distinção básica. Muitos irão concordar que homens e mulheres são diferentes do ponto de vista de seus corpos, de sua constituição psicológica e do papel que ocupam na sociedade. Porém, na contramão da diferença, a Antropologia teceu ao longo do século passado uma tradição que desmonta muitas de nossas percepções mais fundamentais sobre os sexos.

Um cromossomo é formado de diversos genes, de forma que o que separa homens de mulheres é a combinação de alguns bocados dessas partes minúsculas. Ainda assim, para a Biologia, esses detalhes são responsáveis pela constituição de corpos diferenciados, compostos de uma maioria de órgãos em comum e de outros que seriam exclusivos a cada um dos sexos. Além da caracterização genética e anatômica, há também uma diferenciação hormonal - as mesmas substâncias, mas em quantidades diferentes nos homens e nas mulheres.

Se a Biologia propõe uma diferença física, a interpretação do senso comum se apoia em uma diferença de comportamento e de papéis. Acima de tudo, mulheres são possíveis mães - após serem fecundadas, nutrem, carregam e dão à luz a um novo indivíduo, que deverá receber atenção por boa parte de sua vida. A poesia e a literatura descrevem com adoração e reserva esses seres fantásticos que transitam entre a sensualidade e a maternidade. Já os homens também tiveram historicamente seu papel: fecundar e prover o sustento para a mulher e para seus descendentes.

É verdade que as funções para os dois sexos mudaram ao longo da história. Atualmente, principalmente na sociedade ocidental, boa parte das mulheres integra o mercado de trabalho, e muitos dos homens realizam funções domésticas e participam da criação dos filhos. Ainda assim, algumas expectativas parecem manter-se fixas. Mulheres que abrem mão da maternidade ainda são vistas com certo estranhamento. Da mesma forma, um homem sustentado por sua companheira dificilmente não causará algum constrangimento.

NEGANDO OS PAPÉIS SOCIAIS

Em um primeiro momento, negar a ideia de que homens e mulheres são essencialmente diferentes parece algo absurdo, justamente por essa ideia ter extrema aceitação pela ciência e pelo senso comum. Entretanto, a abordagem antropológica sugere uma nova interpretação a partir de trabalhos que estudaram a fundo outras sociedades (especialmente as ditas sociedades primitivas) e as variadas maneiras como essas culturas enxergaram a realidade.

Pierre Clastres*, no capítulo "O Arco e o Cesto" de seu célebre livro *A Sociedade contra o Estado* apresenta a interessante cultura dos Guaiáquis. Nessa sociedade, assim como na nossa, as tarefas eram divididas entre homens e mulheres. Os primeiros se responsabilizavam pela caça, e as segundas, pela coleta e pelos constantes deslocamentos dos objetos pelo território, uma vez que se tratava de uma sociedade nômade. Sem adentrar profundamente em toda a rica análise que Clastres faz sobre as interdições ligadas aos sexos e às famílias, os Guaiáquis são importante para nosso tema

porque trazem um exemplo de sociedade em que impera a poliandria, ou seja, a união da mulher com mais de um marido. Conforme sugere o autor, as mulheres Guaiáquis possuíam uma vantagem estrutural em relação aos homens: mesmo casadas, podiam ter relacionamentos com moços solteiros e transformá-los em maridos secundários se assim desejassem. Isso não significava que os maridos principais ficavam felizes, porém, esses não tinham muita escolha: se abandonassem suas esposas seriam condenados ao celibato, pois a tribo carecia de mulheres disponíveis. Já as esposas logo encontrariam outro marido, pois havia o dobro de homens em relação às mulheres.

Muito interessante na análise do autor é a ideia de que a desproporção numérica entre os sexos poderia ter sido solucionada por outros meios senão a poliandria. Seria possível que certos parentes considerados proibidos para o casamento passassem a ser permitidos. Também seria imaginável que houvesse um incentivo social ao celibato masculino ou que se admitisse o assassinato de recém-nascidos homens. De qualquer maneira, o modelo matrimonial verificado nessa tribo evidencia que dentre as infinitas possibilidades das culturas que já passaram pelo globo terrestre, os Guaiáquis são uma mostra de que o arranjo tecido pela nossa própria sociedade ao que diz respeito às relações entre homens e mulheres está longe de ser o único possível.

De forma ainda mais sugestiva para essa ideia, **Margaret Mead***, em seu livro clássico *Sexo e Temperamento*, questiona as noções mais comuns dos papéis sexuais ao apresentar três sociedades na Nova Guiné. A autora toma como base o que considerou serem os padrões norteamericanos: o comportamento feminino seria caracterizado por ser "dócil, maternal, cooperativo, não agressivo e suscetível às necessidades e exigências alheias", e o comportamento masculino seria relativamente oposto a essa caracterização. Tomando esses padrões como referência, percebemos que cada uma das três tribos apresenta comportamentos diferentes para homens e mulheres. Dentre os Arapesh, por exemplo, tanto os homens como as mulheres exibiam uma personalidade que seria considerada feminina na sociedade norte-americana. Já os integrantes da tribo Mundugumor eram homens e mulheres "implacáveis, agressivos e positivamente sexuados, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternais em sua personalidade", apresentando um tipo de comportamento que, segundo Mead, só seria encontrado em um homem norte-americano "indisciplinado e extremamente violento". Tchambulli é a terceira tribo apresentada pela autora e se caracteriza por uma diferenciação entre os sexos e uma clara inversão das expectativas de temperamento de nossa sociedade: a mulher é "o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente".

Assim, a antropóloga chama nossa atenção para duas coisas. Primeiro para o fato de que é possível encontrar invertidos os comportamentos que nós estamos habituados para os sexos na nossa sociedade. Além disso, mostra a possibilidade de que as culturas não reconheçam uma diferença de temperamentos entre homens e mulheres. A partir dessa análise, ela conclui que "não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo", uma vez que "a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes". Isso seria possível porque as crianças das diferentes tribos seriam passíveis ao ensinamento do comportamento corrente em sua sociedade, seja ele "feminino" ou "masculino" (do ponto de vista da sociedade ocidental) e esteja ele sujeito ou não a uma distinção entre homens e mulheres.

Assim, a antropóloga chama nossa atenção para duas coisas. Primeiro para o fato de que é possível encontrar invertidos os comportamentos que nós estamos habituados para os sexos na nossa sociedade. Além disso, mostra a possibilidade de que as culturas não reconheçam uma diferença de temperamentos entre homens e mulheres. A partir dessa análise, ela conclui que "não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo", uma vez que "a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes". Isso seria possível porque as crianças das diferentes tribos seriam passíveis ao ensinamento do comportamento corrente em sua sociedade, seja ele "feminino" ou "masculino" (do ponto de vista da sociedade ocidental) e esteja ele sujeito ou não a uma distinção entre homens e mulheres.

Nesse sentido, o argumento é interessante no que diz respeito à diferença entre homens e mulheres: muitas das características corporais que distinguem os sexos seriam constituídas a partir de um treino social do corpo. A delicadeza feminina; a postura imponente dos homens; o jeito discreto de sentar das mulheres recatadas; o largar-se confortavelmente no sofá, tipicamente masculino; ou então a maneira sensual feminina de andar movimentando os quadris são todos exemplos das chamadas técnicas do corpo propostas pelo autor.



***Pierre Clastres** » Antropólogo francês, Pierre Clastres nasceu em 1934 e faleceu, vítima de um acidente, em 1977. Clastres integrou o Laboratório de Antropologia Social do Collège de France e deixou como principal legado o livro *A sociedade contra o Estado*, coleção de ensaios publicados em 1974 e considerado uma das obras-primas da antropologia.

O CONCEITO DE GÊNERO

Mead, Mauss e Clastres, dentre outros autores, inculcaram na tradição antropológica a ideia de que os papéis destinados a homens e mulheres não são explicados por uma diferença essencial inscrita na natureza de seus corpos. Ainda que sejam biologicamente diferentes, as peculiaridades anatômicas não explicariam as inúmeras outras diferenciações sociais entre os sexos: sejam elas de hierarquia, de status, de poder, de posição na divisão do trabalho, de personalidade, de comportamento e nem mesmo de seus trejeitos corporais.

Assim, se por um lado essa interpretação não nega radicalmente a perspectiva da diferença anatômica, afirma que a Biologia nada explica no que diz respeito à vida social. O argumento principal é que a natureza dos corpos é interpretada pela cultura que, por sua vez, origina inúmeros significados que transcendem as diferenças corporais.

A partir dessa rejeição à explicação biológica para as diferenças sociais, a Antropologia criou o conceito de gênero. "O foco da Teoria de Gênero é desconstruir a ideia de que existe uma diferença natural entre homens e mulheres que explique o que acontece nas sociedades", define Heloisa Buarque de Almeida, antropóloga especialista no tema e professora da Universidade de São Paulo. "Por muito tempo se dizia que as mulheres tinham menos poder ou que estavam restritas à esfera doméstica por causa da reprodução e da maternidade, ou seja, devido a elementos associados ao próprio corpo feminino. A Teoria de Gênero tenta mostrar que nem todas as sociedades tratam as mulheres dessa maneira", completa.

A professora explica que a origem do conceito de gênero estaria inicialmente associada às ciências médicas. "Gênero aparece na medicina nos anos 1950, no caso dos chamados distúrbios de gênero, como crianças que nasciam intersexuadas, ou seja, que tinham a genitália que hoje chamamos de ambígua, ou então pessoas que nasciam de um sexo e se diziam seres de outro sexo. Era usado quando a identidade do corpo da pessoa não combinava com aquilo que ela sentia sobre si".

Na Antropologia, apesar da impossibilidade de se traçar uma genealogia exata, os estudos atuais colocariam a antropóloga norte-americana Gayle Rubin como uma das precursoras do uso do conceito. "O foco de Rubin era mostrar que a relação entre os gêneros não deriva da natureza, pois é histórica, decorre de um arranjo social e tem um momento de fundação. Apesar disso, acaba aparecendo ideologicamente como naturalizada", explica Heloisa.

***Margaret Mead** » Doutora pela Universidade de Columbia e uma das grandes representantes do culturalismo, a antropóloga norte-americana Margaret Mead (1901-1978) publicou livros como *Adolescência, sexo e cultura em Samoa* (1928) e *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas* (1935).



DEBATE COM A BIOLOGIA

Se parte dos estudos antropológicos afirmam que a explicação para a diferença social entre homens e mulheres só pode ser compreendida a partir do universo social que os permeia - sem, entretanto, negar que existam diferenças biológicas e anatômicas reais entre os sexos - outra parte radicaliza o argumento e nega a própria Biologia.

Nesse sentido, diversos estudos realizados nas Ilhas Trobriands representaram uma primeira aproximação, quase intuitiva, às teorias que desconstróem radicalmente a ciência. Considerado um dos principais fundadores da Antropologia, Bronislaw Malinowski intrigou-se no começo do século passado com a exótica interpretação que os trobriandeses faziam da gravidez e do intercuro sexual. Para essa tribo, o homem através da relação sexual que mantinha com a mulher não era responsável pela

geração de crianças. A implementação do bebê no corpo materno seria realizada a partir de espíritos oriundos exclusivamente do lado da mãe, de forma que a função do pai era a de "abrir o caminho", ficando excluído da ascendência sobre o novo ser. Além disso, os homens trobriandeses eram considerados responsáveis pelo crescimento e pela fisionomia das crianças, que seria formada a partir das relações sexuais que mantivessem com as mulheres grávidas.

Essa interessante interpretação sobre a reprodução humana abre caminho para pensarmos que a partir dos mesmos fatos (intercurso sexual, gestação e nascimento) inúmeras explicações e relações entre causa e efeito podem ser desenvolvidas pelas culturas. Assim, a compreensão do nascimento como decorrente da gestação, e esta última como consequência do encontro entre os gametas femininos e masculinos durante o intercurso sexual, não é uma decorrência inevitável do pensamento humano, mas sim uma particularidade do pensamento ocidental.

Por volta de meio século depois das investigações de Malinowski, Michel Foucault promoveu uma das principais críticas no sentido da desconstrução da ciência. O autor levou a já exposta ideia de Marcel Mauss (de que as técnicas do corpo seriam constituídas de um treino social) ao extremo. Afirma que não apenas os movimentos corporais são construídos socialmente e inculcados nos indivíduos, como também o próprio corpo é construído politicamente.

Para ele, absolutamente nada existe anteriormente ou externamente ao discurso humano. Toda a suposta realidade concreta só seria concebida pelos indivíduos a partir do "saber", sendo que esse saber é entendido pelo autor como uma relação de poder que designa, nomeia e confere sentido a todas as coisas. Sua ideia central é a de que não existe uma "natureza natural", ou seja, uma realidade anterior aos saberes e aos discursos humanos. Um bom exemplo nesse sentido é pensarmos que o câncer é uma enfermidade que tem uma presença relativamente recente no léxico da medicina. Antigamente, as pessoas que hoje dizemos que morreram em sua decorrência, morriam porque estavam velhas ou simplesmente sem que se soubesse o porquê. Apenas a partir do reconhecimento da existência dessa doença pela comunidade científica é que o câncer passou a existir no linguajar e no pensamento das pessoas. Da mesma maneira, os sintomas que hoje interpretamos como doença de Alzheimer ou como outras demências degenerativas eram simplesmente sinais de velhice, sem possuírem um sentido particular.

O essencial que os dois exemplos pretendem sugerir é de que apenas quando há um reconhecimento na sociedade de que certo elemento tenha um determinado sentido, que isso passa a estruturar a vida social e fazer parte da interpretação comum. Além disso, o reconhecimento dos sentidos das coisas (e também o reconhecimento da existência das próprias coisas) se realiza por meio de uma relação de poder. Assim, o saber ou o conhecimento, para Foucault, é sempre permeado por uma força porque designa positivamente o sentido das coisas.

Até esse ponto, deve ser coerente dizer que a teoria do autor implica em uma profunda crítica ao sentido da ciência, uma vez que nega seu aspecto de saber absoluto, neutro e apolítico, enfatizando a questão do poder que envolve diretamente todo o conhecimento que existe. Para essa concepção, ciência não é um aparato de técnicas imparciais, que descobre a realidade externa, imutável e objetiva. Muito pelo contrário, o argumento de Foucault sugere que a realidade que nos aparece como objetiva é, na verdade, construída por um saber inundado de poder.

Nesse mesmo sentido, a medicina seria um saber institucionalizado que implica em um controle dos corpos dos indivíduos na mesma medida em que impõe o sentido desses corpos. Assim, podemos começar a pensar na natureza supostamente diferente dos corpos femininos e masculinos como uma ideia longe de ser natural.

Para ilustrar a concepção foucaultiana de ciência, Heloisa Buarque de Almeida explica como ao longo da história da medicina diversos aspectos do corpo humano foram responsabilizados por determinados comportamentos. "No final do século XVIII, como mostra a autora Magali Engel, o comportamento feminino é imputado aos ovários. Quando a mulher é vista como tendo alguma perturbação mental, como louca ou como promíscua, o protocolo é tirar os ovários, mesmo que aparentemente estivessem saudáveis".

Depois, conforme completa a antropóloga, o útero surgiria como o maior culpado pelos problemas emocionais, e a forma de tratamento mais comum para os chamados desvios mentais se tornaria a extirpação desse órgão. "Já por volta dos anos 1940-1950, ganha proeminência a ideia dos hormônios. Aparece na medicina que o comportamento chamado masculino é gerado pela testosterona, que passa a explicar a virilidade, tanto do ponto de vista da potência sexual, quanto de um comportamento agressivo e dominador dos homens. Essa visão também explica o comportamento mais

afetivo e carinhoso das mulheres como sendo algo gerado pelos hormônios", desenvolve.

Hoje em dia, nem mais os hormônios e tão pouco os órgãos reprodutivos: a força explicativa da ciência estaria na ideia dos genes, que passa a ser a causa maior da diferença sexual. "Os médicos indicam aspectos biológicos como determinantes do comportamento, mas esse lugar da natureza parece estar sempre mudando", finaliza a antropóloga.

Na mesma trilha de Foucault, Thomas Lacqueur dá forma ao argumento do filósofo. Em seu livro *Inventando o Sexo*, o autor, a partir de um levantamento de manuais de medicina e de outros escritos do campo afirma que até meados do século XVIII havia uma concepção de sexo único, "no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital ao longo de um eixo cuja causa final era masculina."

Assim, segundo esse modelo que imperou até não muito tempo atrás, homens e mulheres não eram considerados fisicamente diferentes. Sua diferença era apenas em grau (homens tinham maior calor vital e maior perfeição). Essa concepção se manifestava nos manuais de medicina de tal maneira que não era descrita nenhuma forma de distinção anatômica entre os sexos. A convergência também se exprimia no fato de haver uma mesma nomenclatura para os órgãos que hoje são considerados específicos de cada um dos sexos. Lacqueur afirma que "durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens", com a diferença de que a genitália feminina ficava dentro do corpo, enquanto que a masculina era externa. Os lábios vaginais eram considerados equivalentes ao prepúcio masculino, o útero era a mesma coisa que o escroto e os ovários seriam uma transposição dos testículos.

Impressiona na descrição de Lacqueur que essa maneira de conceber os corpos como iguais prevaleceu à prática da dissecação, evidenciando que não se tratava de um conhecimento baseado na impossibilidade de ser enxergar os órgãos, mas sim em uma forma de olhar e de interpretar o corpo diferente da que impera atualmente.

Também bastante revelador desse modelo de sexo único é a ideia de que sendo a diferença entre homens e mulheres apenas de grau e não de natureza, poderia haver uma mudança de sexo: "as meninas podiam tornar-se meninos, e os homens que se associavam intensamente com mulheres podiam perder a rigidez e definição de seus corpos perfeitos, e regredir para a efeminação". Lacqueur apresenta um relato médico do século XVI que atesta para a possibilidade de se transitar entre os sexos: uma pessoa identificada até então inquestionavelmente como menina passa a apresentar um "pênis e um escroto externo".

O caso que seria explicado hoje como um exemplo de intersexo (ou seja, de um indivíduo que possui o aparelho reprodutor ambíguo e que pode desenvolver novos órgãos na adolescência) foi considerado, naquela época, como a prova da possibilidade de mudança sexual. Essa anedota evidencia que, diferente do que normalmente pensamos, não é a simples visão dos corpos que condiciona a teorização que se fará sobre eles posteriormente; é o modelo corrente na sociedade que determinará a imagem que nossos olhos farão do que está em nossa frente.



No dia 13 de dezembro de 2010, faleceu a socióloga, professora e pesquisadora Heleieth Lara Bongiovani Saffioti, reconhecida internacionalmente por seus estudos sobre as questões de gênero e direito das mulheres. Professora da Unesp e da PUC -SP, Heleieth Saffioti publicou o livro *Gênero, Patriarcado e Violência* (Fundação Perseu Abramo, 2004).

UM MUNDO PÓS-GÊNERO?

A filósofa **Judith Butler*** em sua obra *Problemas de Gênero*, agrega aspectos do pensamento de Foucault e de Lacquer para afirmar que gênero é sempre um ato performativo, que se constitui apenas nas o feminino e o masculino. Assim, travestis e *drag queens* evidenciam a natureza performática do feminino e sua artificialidade, inclusive nas mulheres.

Para a autora, se gênero é performance, longe de se desenvolver livremente, é regulado por uma matriz que pressupõem coerência entre o sexo biológico, as atuações de gênero, o desejo e a prática sexual. Assim, pessoas com a genitália feminina devem ser mulheres que têm desejo por homens e que devem manter relações sexuais e afetivas exclusivamente com o sexo oposto. Além disso, não seria possível em nossa sociedade a inexistência de qualquer performance de gênero pelos indivíduos, uma vez que o pensamento ocidental, além de incapaz de aceitar as descontinuidades e incoerências provenientes das subjetividades que não se adéquam à norma, também seria inábil em parar de localizar os sujeitos em relação às opressoras categorias de feminino e masculino. Assim, mesmo que os indivíduos subvertam alguns aspectos dessas regras, ainda estariam se posicionando em relação a elas.

Apesar da visão antropológica que propõe uma igualdade radical entre os sexos, Butler parece apontar para uma dificuldade em nos desvencilharmos das categorias de gênero, que seriam ordenadoras de nosso pensamento. A persistência se afirma em um mundo que, ao mesmo tempo em que muda, continua reiterando as barreiras entre homens e mulheres.

Ainda assim, mesmo que a crítica da Antropologia não implique em uma verdadeira libertação das amarras mais profundas em relação aos papéis de gênero - tão pouco no fim da opressão das subjetividades humanas dissidentes e na aceitação das múltiplas formas de sexualidade -, a disciplina fornece, certamente, um intenso estímulo ao nosso pensamento e à nossa capacidade de conceber um mundo diferente daquele que se apresenta aos nossos olhos, especialmente a partir do contato com outras realidades culturais que nos maravilham com suas vastas possibilidades.



***Judith Butler** » Filósofa norte-americana e professora da Universidade de Berkeley, contribuiu decisivamente para os estudos sobre gênero e teoria feminista. Seu livro *Problemas de Gênero* é tido como uma obra fundamental sobre a questão. É desde 2007 integrante da American Philosophical Society.

O contraponto da psicanálise

As teorias antropológicas sobre gênero em alguns momentos concorrem e em outros se completam com as perspectivas de outros campos do saber como, por exemplo, o da História, o da Filosofia, o da Psicologia e o da Psicanálise. Esta última oferece uma série de reflexões sobre a formação da personalidade, inclusive em sua interface com o gênero. Em uma conversa com a psicóloga e psicanalista Magdalena Nigro, professora do curso de especialização em Sócio-Psicologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, tentamos nos aproximar da teoria psicanalítica:

Homens e mulheres são diferentes do ponto de vista psicológico?

Cada ser humano possui uma estrutura de personalidade própria. Segundo Freud, essa estrutura é composta pelo "id", "ego" e "superego". O "id" é o domínio da pulsão, do desejo. Porém, a realidade impõe limitações à satisfação do desejo, por exemplo, por meio das experiências de espera. Dessa maneira, do confronto do "id" com a realidade forma-se o "ego", que inicialmente é algo corporal e depois se torna uma estrutura psíquica. Já o "superego" é uma consequência do Complexo de Édipo e introduz a lei na vida da criança. Porém, a estruturação da personalidade ocorre de forma única em cada sujeito. Assim, as diferenciações de gênero aparecem ao longo do desenvolvimento do sujeito, em função desse processo de estruturação da personalidade.

Então, não nascemos sujeitos com gênero. Há um processo que causa essa diferenciação?

Nascemos com diferenças anatômicas. O corpo do homem e o corpo da mulher são diferentes. Mas a identidade de gênero, masculina ou feminina, é algo que no entendimento da psicanálise vai sendo construída ao longo do tempo, como consequência das vivências do sujeito na vida familiar e social.



Como as teorias psicanalíticas entendem o processo dessa diferenciação?

O bebê quando nasce recebe um nome de mulher ou de homem, segundo seu sexo biológico. Dessa forma será identificado como sendo do sexo feminino ou masculino. Porém, a identificação sexual e a identidade de gênero serão constituídas a partir das identificações, fundamentalmente, com o pai e com a mãe. Imitando o pai ou a mãe, brincando de professor/a, médico/a, etc., o menino e a menina ingressam no universo do feminino e do masculino por meio da identificação com essas figuras. No final do complexo de Édipo, a menina se

identifica com a mãe, como mulher, e o menino com o pai, enquanto homem. Assim, projetam-se no futuro, para fora de sua família original, como homem ou mulher, iniciando seu caminho para a feminilidade ou masculinidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

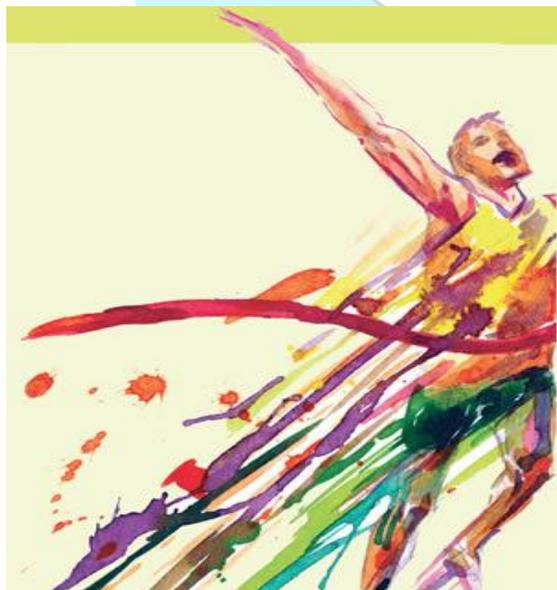
MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: CosacNaify, 2003.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

* **Maysa Rodrigues** é jornalista - **Revista Sociologia, fevereiro de 2011**

Sociedade olímpica

Pan de 2007, Copa do Mundo de 2014, Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. O esporte está em alta no Brasil. Como a Sociologia lida com um tema que tem despertado tanto a nossa atenção?
(DANIEL RODRIGUES AURÉLIO)



Copenhague, Dinamarca. Sexta-feira, 2 de outubro de 2009. No evento mais esperado da 121ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), quatro cidades disputam a oportunidade de sediar os XXXI Jogos Olímpicos de Verão de 2016: Madri (Espanha), Chigaco (EUA), Tóquio (Japão) e Rio de Janeiro (Brasil). Com uma apresentação baseada na emotividade, a cidade brasileira bate Chicago e Tóquio nas preliminares e chega à final do escrutínio contra Madri. Após a abertura da urna derradeira, o presidente do COI Jacques Rogge, um cirurgião ortopedista e ex-iatista nascido na Bélgica, enfim anuncia a cidade vencedora: triunfo do Rio, pelo esmagador placar de 66 votos a 32.

Após patrocinar duas candidaturas da antiga capital que não prosperaram (2004 e 2012), o governo brasileiro finalmente ajudou a trazer a maior competição esportiva do planeta para a América do Sul. De quebra, ainda completou a tríade de megacompetições possíveis para um país das Américas. Em 2007, o Rio sediou os Jogos Pan-Americanos e, em 2014, o Brasil será palco da Copa do Mundo de

Futebol. Mas, mesmo com o país no centro das manchetes e coberto pelas glórias olímpicas, as opiniões claramente se dividem. Enquanto uns acreditam no desenvolvimento social, econômico, esportivo e de

infraestrutura trazidos no embalo do Mundial de futebol e dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, outros desconfiam de superfaturamentos e jogadas políticas - e citam as controversas contas do Pan-2007 como exemplo.

Fiscalizar o planejamento, orçamento e andamento das obras nos próximos anos é um dever dos três poderes, da imprensa e de todos os cidadãos. O gerenciamento dos recursos municipal, estadual e federal precisa ser investigado e analisado, para que as promessas tão otimistas não fiquem apenas na retórica dos políticos e cartolas esportivos. Os Jogos Olímpicos no Brasil são agora realidade e a engrenagem está sendo movimentada. O interesse dos intelectuais e cientistas pelo esporte também está aguçado, e não é apenas nos departamentos de biomecânica, medicina esportiva ou educação física. As ciências humanas brasileiras também produzem e vão produzir inúmeras reflexões e pesquisas sobre a importância social do esporte. O Rio-2016 nos instiga a pensar como a Sociologia trabalha essa temática de uma maneira geral.

Aos poucos, a Sociologia do Esporte saiu do gueto acadêmico. Os sociólogos perceberam que poderiam pesquisar o papel social do esporte por diferentes ângulos: políticas públicas, geopolítica, representações simbólicas e economia

SOCIOLOGIA DO ESPORTE

A relação inicial do sociólogos com a temática é lembrada por Gunter A. Pilz no texto "A Sociologia do Esporte na Alemanha" (1998). Nas primeiras décadas do século 20, o pesquisador alemão Heinz Risse (1898-1989) decidiu tratar, em sua tese de doutorado, da relação entre sociedade e esporte. Pretendia ser orientado pelo sociólogo **Alfred Weber*** (1868-1958), mas este teria tentado demovê-lo do projeto. "Não haveria segurança quanto à compreensão dos outros professores que avaliariam o trabalho quanto à legitimidade da relação vida e esporte", fora o argumento de Weber. Risse não se abalou, foi em frente, e publicou o livro *Soziologie des Sports* (1921).

O "desdém" e as dúvidas relacionadas à validade e à pertinência da sociologia do esporte não significavam, porém, um silêncio total dos cientistas sociais. Gunter Pilz elenca Max Weber, Georg Simmel, Thorstein Veblen e Norbert Elias dentre os autores que trataram de alguma maneira das questões sociais e esportivas. Dessa forma, se não é ainda um assunto central, o esporte não foi ignorado mesmo nos primórdios do desenvolvimento e institucionalização da Sociologia como disciplina e método explicativo da sociedade. Até porque o esporte recreativo ou de alto rendimento preenche os requisitos de um "fato social" - ou seja, é um objeto passível de ser examinado sociologicamente.

As pesquisas sociais influenciadas por uma frágil teoria marxista, guiadas por uma deturpação e simplificação das concepções de Karl Marx, de fato não consideravam prioritária a temática esportiva. Para inúmeros autores, a sociologia do esporte era irrelevante. Basta lembrar da máxima "o futebol é o ópio do povo". Frase que é uma das maiores aberrações intelectuais de todos os tempos.

Curiosamente, durante as décadas da Guerra Fria, o bloco socialista, assim como os países capitalistas, transformaram as disputas na arena esportiva em propaganda dos respectivos sistemas, numa autêntica queda-de-braço política. Os Jogos Olímpicos exerciam à época protagonismo no duelo entre as superpotências. Então, como deixar de lado as brigas acirradas no quadro de medalhas, opondo de um lado a União Soviética e do outro os EUA? A Olimpíada era, de fato, um duelo sem tanques e trincheiras entre **Pacto de Varsóvia e OTAN** *. Os boicotes americano à edição de Moscou-1980 e o soviético à Los Angeles-1984 foram atos políticos extremos. E a final do torneio de basquete de Munique- 1972, entre EUA e URSS, marcou um golpe pesado para os americanos batidos - por um ponto! - pelos grandalhões soviéticos.



***Alfred Weber** » Sociólogo e economista nascido em Eirfurt, Alfred Weber (1868-1958) foi muito mais do que irmão caçula de Max Weber. Professor da Universidade de Heidelberg, escreveu importantes trabalhos sobre cultura e teoria sociológica.

Durante as décadas da guerra fria, o bloco socialista, assim como os países capitalistas, transformaram as disputas na arena esportiva em propaganda dos respectivos sistemas, numa autêntica queda-de-braço política.

IMPORTÂNCIA SOCIAL E SOCIOLÓGICA

Aos poucos, a sociologia do esporte saiu do gueto acadêmico. Os sociólogos perceberam que poderiam pesquisar o papel social do esporte por diferentes ângulos: políticas públicas, geopolítica, representações simbólicas e economia. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) dedicou em 1992 um texto sobre os Jogos Olímpicos em sua conexão com a mídia, sobretudo a televisão. Bourdieu definiu a Olimpíada Moderna como um "espetáculo televisivo" e bateu pesado no COI ("uma grande empresa comercial") e no marketing ostensivo baseado no duelo entre "delegados" de "representações nacionais".

No Brasil, destacam-se, entre outros grupos, o trabalho do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado por Mauricio Murad, e o Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujos integrantes lançaram os livros *Memória Social dos Esportes*, volume I e II. E não podemos esquecer do antropólogo Roberto DaMatta, autor de um ensaio sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos, publicado na coletânea *A bola corre mais que os homens* (2006).

Como se percebe, a produção não é tão pequena quanto se imaginava. Mas ainda há muito o que pesquisar. A Sociologia do Esporte é, felizmente, um campo em expansão.

***Pacto de Varsóvia e OTAN** » Alianças de colaboração militar surgidas no contexto da Guerra Fria, o Pacto de Varsóvia (1955), do bloco socialista, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN, de 1949), do bloco capitalista, representavam os grupos de pressão bélica e geopolítica naquele período. O Pacto de Varsóvia perdeu definitivamente sua função com o colapso da URSS, em 1991. Já a OTAN segue ativa, com sede em Bruxelas (Bélgica), e conta agora com vários filiados do leste europeu.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. "Os Jogos Olímpicos" in: **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
DAMATTA, Roberto. "Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil" in: **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
PILZ, Günter. **A sociologia do esporte na Alemanha**. Disponível em Acesso em: 17/12/2010.
SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Teixeira da (orgs). **Memória Social dos Esportes - Futebol e política: a construção de uma Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2006 (vol.2).

* **Daniel Rodrigues Aurélio** é bacharel em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pós-graduado em Globalização e Cultura pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais. É editor da **Revista Sociologia - Revista Sociologia, fevereiro de 2011**

Taça inteira

Quando chegamos a determinada idade avançada, costumamos nos sentir sem utilidade para a sociedade. A grande verdade é que o prazer de viver surge quando nos tornamos inúteis

(RUBEM ALVES)



Você que trabalhou, batalhou, criou os filhos, envelheceu... Os filhos cresceram, saíram de casa, você se aposentou... E agora o tempo se estende vazio à sua frente, pouco importa levantar-se cedo ou tarde, não faz diferença, os dias ficaram todos iguais, não há batalhas a travar, ninguém precisa de você... Cada dia é um peso, é preciso matar o tempo, descobrir um jeito de não pensar, pois o pensamento dói, e vem uma vontade de beber, uma vontade de esquecer, uma vontade de morrer...

Chegou o momento da inutilidade, e é isso que você não suporta, pois lhe ensinaram (e você acreditou) que os homens e as mulheres são como as ferramentas, que só valem enquanto forem úteis. Ensinaram- lhe que você é uma ferramenta que merece viver enquanto puder fazer. E agora que o seu fazer não faz mais diferença, você se coloca ao lado dos objetos sem uso. À espera de que a morte venha colocá-lo no devido lugar, pois nada mais há que esperar. Você está sem esperança.

Mas Ihe ensinaram mal, muito mal. Pois nós não somos ferramentas. Não vivemos para ser úteis. Dizem os textos sagrados que Deus trabalhou seis dias para plantar um jardim. Terminado o trabalho, já não havia nada mais para ser feito. E foi justamente então que Deus sentiu a maior alegria. Terminado o tempo do trabalho, chegara o tempo do desfrute. E o Criador se transformou em amante: entregou-se ao gozo de tudo o que fizera. Com as mãos pendidas (pois tudo o que devia ser feito já havia sido feito), seus olhos se abriram mais. Olhou para tudo e viu que era lindo. Pôs-se a passear pelo jardim, gozando as delícias do vento fresco da tarde. E, embora os poemas nada digam a respeito, imagino que o Criador tenha também se deleitado com o gosto bom dos frutos e com o perfume das flores - pois que razões teria ele para criar coisas tão boas se não sentisse nelas prazer?

Se há uma lição a ser aprendida desses textos, lição que é que não somos como serrotes, enxadas, alicates, fósforos e lâmpadas que, uma vez sem o que fazer, são jogados fora. A nossa vida começa justamente com o advento da inutilidade. Pois o momento da inutilidade marca o início da vida de gozo. Nada mais preciso fazer. Travei as batalhas que tinha de travar. Nada devo a ninguém. Estou livre agora para me entregar ao deleite. Todas as escolas só nos ensinam a ser ferramentas. Será preciso que você procure mestres que ainda não foram enfeitiçados por elas. Você deve procurar as crianças. Somente elas têm o poder para quebrar o feitiço que o está matando ainda em vida.

As almas dos velhos e das crianças brincam no mesmo tempo. As crianças ainda sabem aquilo que os velhos esqueceram e têm de aprender de novo: que a vida é brinquedo que para nada serve, a não ser para a alegria!

Desde os seis anos tenho mania de desenhar a forma das coisas. Aos cinquenta anos publiquei uma infinidade de desenhos. Mas tudo o que produzi antes dos setenta não é digno de ser levado em conta. Aos 73 anos aprendi um pouco sobre a verdadeira estrutura da natureza dos animais, plantas, pássaros, peixes e insetos. Com certeza, quando tiver oitenta anos, terei realizado mais progressos, aos noventa penetrarei no mistério das coisas, aos cem, por certo, terei atingido uma fase maravilhosa e, quando tiver 110 anos, qualquer coisa que fizer, seja um ponto, seja uma linha, terá vida.

Vamos! A vida é bela. Pare de namorar a morte! Beba a taça até o fim!

Rubem Alves é escritor, educador e psicanalista - Revista Psique fevereiro de 2011

Olho grego - Religião e Política (RENATO JANINE RIBEIRO)



UM dos primeiros atos do regime republicano no Brasil foi separar a Igreja do Estado. No Império, os padres eram funcionários públicos, as religiões diferentes da católica podiam ser praticadas, mas "sem forma externa de culto" e, finalmente, bispos eram nomeados e encíclicas eram seguidas somente se o imperador lhes desse seu acordo. Desde a República, nenhuma Igreja pode ser oficial, ao mesmo tempo em que se garante ilimitada liberdade de culto a todas.

Isso não foi tão fácil de realizar. Os católicos contaram com muito apoio oficial. Quando eu era criança, as aulas de Religião - na escola pública - eram praticamente só da igreja católica. Ela orientava as pessoas sobre os filmes aos quais podiam assistir e até recomendava o voto dos eleitores, apesar de nunca ter atingido a influência de sua congênere italiana - talvez porque a "ameaça comunista" (sic), aqui, nunca tenha sido grande. Alguns padres recomendavam que os fiéis destruíssem bíblias protestantes, caso as tivessem, e não lessem Monteiro Lobato. Nos últimos 50 anos, porém, enquanto aumentava o número dos católicos não praticantes, crescia tremendamente o de cristãos evangélicos, de adeptos de outras religiões e de agnósticos ou ateus. E a igreja católica mudou muito.

Quer isso dizer que se separou a Igreja do Estado, a Religião da política? Não. Quando, na campanha presidencial, a questão do aborto entrou em cena, seus principais porta-vozes foram líderes religiosos. Um assunto que deve ser debatido com calma e tranquilidade foi atirado às paixões e preconceitos. Os candidatos tiveram que dar-lhe uma importância excessiva. Com isso, perdeu o espírito republicano, que exige a discussão dos assuntos com vistas ao bem comum e não a princípios de uma Religião, seja ela qual for.

O direito das religiões. Mas significa isso que as pessoas não devam se manifestar de acordo com sua fé religiosa? Não. É direito de cada um escolher sua Religião - ou sua falta de Religião - e agir em consequência. A única ressalva é que ninguém viole a lei. E também, insisto: que a escolha seja da pessoa, em vez de lhe ser imposta.

Religiões têm muito a ver com moral. Elas incluem dogmas, liturgia, mas também normas de ação. Portanto, é normal que as religiões recomendem ou até ordenem determinadas condutas. Por exemplo, algumas proíbem por completo o aborto, outras o aceitam nos casos em que a lei brasileira o permite (estupro, incesto) e outras, ainda, o admitem com a única limitação de não passar de alguns meses de gestação. É justo que os fiéis levem em conta sua fé religiosa ao moverem-se em assuntos delicados.

Também sucede de Igrejas recomendarem que não se vote em corruptos, que se lute contra a injustiça social e por aí vai. Se aceitamos que elas se expressem sobre um destes assuntos, devemos admitir que também falem a respeito de outros.

Mas, aqui, há dois pontos importantes a assinalar. Primeiro: mesmo que padres e pastores chamem seus fiéis de "rebanho", as pessoas estão cada vez menos dispostas a serem ovelhas, a serem rebanho, a serem conduzidas por ordens de qualquer tipo. Fomos nos tornando meio kantianos, isto é, tudo o que é ordenado tem de ser justificado e, cada vez mais, ser examinado por nossa razão. Ninguém mais vai queimar Monteiro Lobato - assim espero! É verdade que essa exigência de autonomia, de cada um decidir sua vida, infelizmente não está presente em todos - uma parte da população segue o chefe de maneira quase maquinal -, mas ela cresce constantemente.

Autonomia. Portanto, ao líder religioso cabe orientar, sugerir, não mandar. E as pessoas devem considerar seus ensinamentos à luz de muitos outros, até mesmo das experiências que tenham na vida. Consta que a maior parte dos abortos proibidos no Brasil é realizada por católicas casadas; isso deve ser difícil para elas, que se veem divididas entre a ordem da Igreja e sua vivência pessoal. Mas não se foge disso negando-se a experiência vivida, culpando-se, martirizando-se. A única saída é pensar muito, com a razão e também com o coração, até se chegar a uma decisão realmente autônoma, que concilie na medida do possível a fé e a independência de cada um. A consciência não é feita apenas de Religião. Ela é antes de qualquer coisa autonomia: capacidade de decidir, só, os caminhos a trilhar.

O segundo ponto é que - mesmo sendo movidos pela moral e mesmo tendo ela, para muitos, um componente religioso - na vida social e pública lidamos com pessoas de outras religiões e até mesmo de outros valores. É claro que não se trata de cair num relativismo moral completo. Acredito que todas as pessoas decentes condenem o assassinato, o estupro, a violência ilegítima. Mas, em sociedade, nem sempre os acordos a que chegamos sobre o que fazer estão baseados nos mesmos princípios.

Com frequência, concordamos sobre ações práticas ainda que os princípios de uns e de outros sejam diferentes. É só assim que a sociedade democrática pode funcionar: pessoas com crenças religiosas e convicções políticas diferentes, todas elas legítimas, mas que concordam sobre um mínimo de regras que valham para todos.

Por isso, os líderes religiosos não devem dar ordens a seus fiéis. Podem orientá-los. Podem dizer que levem em conta a justiça social, a moral dos candidatos, até mesmo sua posição sobre o aborto. Tudo isso é legítimo. Mas não devem ordenar que sigam uma de suas orientações como sendo a única. O mundo é complexo demais para ser medido com um único metro. As pessoas são complexas - e muito ricas - para que sua vida e suas opiniões se reduzam a uma regra apenas.



Renato Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo
www.renatojanine.pro.br
Revista Filosofia, fevereiro de 2011

Cinema - Poder e mentira (FLÁVIO PARANHOS)



Em O príncipe da Pérsia, uma mentira leva o protagonista a promover uma guerra. Para Kant, as mentiras são inaceitáveis; para Weber, devem-se levar em conta as consequências da verdade

O que poderia haver em comum entre filmes tão distintos quanto O príncipe da Pérsia: As areias do tempo, Zona verde e Kafka? Os dois primeiros são de 2010 e o último é de 1991. Todos têm estrelas em seus elencos - Ben Kingsley, Matt Damon e Jeremy Irons, respectivamente.

O príncipe da Pérsia: As areias do tempo é uma produção da Disney inspirada em um videogame de autoria de Jordan Mechner (isso mesmo, videogames têm autoria!), com roteiro de Boaz Yakin, Doug Miro e Carlo Bernard e direção de Mike Newell. Para aqueles que, como eu, confessam alguma desconfiança quanto a filmes da Disney serem capazes de fazer algo mais do que entreter, e por isso estranham não só a presença de um filme desses aqui, como também a citação dos roteiristas, explico-me.

O príncipe da Pérsia é uma espécie de alegoria da guerra no Iraque promovida (a palavra, como veremos, é 'promovida' mesmo) pelos Estados Unidos de George Bush filho. O tal príncipe do título é o filho adotivo do poderoso rei da Pérsia, guerreiro hábil e nobre, como soem ser os protagonistas nesses casos. Ele, seus irmãos e o tio (Kingsley) decidem invadir a cidade sagrada Alamut, por suspeitarem que seus governantes estivessem fazendo armas e as vendendo aos inimigos da Pérsia. Invasão realizada, inimigo dominado, nada de achar as tais armas.

O príncipe cai numa armadilha e é acusado de matar o próprio pai, que desaprovava a decisão. Depois de passar por várias aventuras, das quais, claro, sempre sai ileso, o nobre príncipe descobre o segredo por trás da invasão, a traição do tio e, claro, conquista o coração da princesa que o esnobou o filme inteiro.

Eu bem poderia ter passado batido pelo Príncipe da Pérsia. Poderia não ter enxergado nada mais do que o bom filme de ação que é. Mas, por pura coincidência, aluguei, no mesmo fim de semana, Zona verde. Dirigido por Paul Greengrass, que já havia se encontrado com Matt Damon nas sequências Bourne (Ultimato, Supremacia), com roteiro de Brian Helgeland, a partir do livro de Rajiv Chandrasekaran, Zona verde é um ótimo filme de ação e guerra, com uma mensagem clara.

A invasão do Iraque pelos EUA em 2003 foi motivada por uma baita mentira. E, o que é pior, os EUA (pelo menos seu governo) sabiam disso. Não só nunca houve armas de destruição em massa escondidas no país de Saddam Hussein, como Bush e seus asseclas sabiam perfeitamente. Chief Miller (Damon), um soldado consciencioso e patriota, como soem ser os heróis de filmes americanos de guerra, tem a missão ingrata de fazer papel de bobo procurando armas nos sítios apontados pelo serviço de inteligência de seu país. Perde a paciência e decide ir atrás da verdade. Vê-se, então, envolvido numa teia cheia de aranhas carnívoras que teoricamente deveriam estar ao seu lado. Hábil soldado, consegue revelar a verdade, mas não o rumo da história.

O leitor concordará comigo que, depois de ter visto Zona verde, não tinha como não fazer paralelos entre este e Príncipe da Pérsia. Ainda assim, chequei com o dr. Google se eu não estava forçando a barra (ainda se usa essa gíria?). Todas as resenhas do filme publicadas nos EUA faziam essa leitura.

Soderbergh, com roteiro de Lem Dobbs, é uma espécie de versão de O Processo com enxertos de O Castelo, Cartas ao pai e dados biográficos do melhor escritor que já existiu. O resultado é apenas razoável. Não é um filme de ação, embora até haja alguma. Não será considerado entretenimento pela maioria das pessoas que o virem, mas tem uma cena que sintetiza a mensagem dos outros dois. Quando Kafka (Irons) e Gabriela estão caminhando na ponte, conversando sobre o mistério da morte do amigo em comum, travam esse diálogo:

Ela - Não sabemos o que houve.

Ele - Sabemos que não foi roubado. A polícia o identificou pela carteira.

Ela - Acredita neles?

Ele - Não há motivos para duvidar.

Ela - São autoridades, já basta.

Gabriela diz tudo¹. O motivo para duvidar do que dizem a respeito da morte de seu amigo é exatamente o fato de se tratar de autoridades. Mas todo mundo mente, protestará, com razão, o leitor. A questão é que as autoridades, por alegado dever de ofício. E, o mais importante, cidadãos comuns cometem as perdoáveis "mentiras brancas", moral e tacitamente aceitáveis. Autoridades não têm limites para o grau de suas mentiras. Se um cidadão comum ultrapassar o limite do aceitável será punido com a indignação dos pares e, se ao fazer isso feriu alguma lei, também o será pela justiça. As autoridades, não.

1. Embora eu já tenha lido os livros do melhor escritor que já existiu pelo menos duas vezes, confesso que não sei dizer se isso é de Kafka ou do roteirista.

Quando dizemos que todos mentimos mentirinhas aceitáveis, é claro que desprezamos duas coisas. A primeira, a opinião de Kant, que discordaria categoricamente. A segunda é que quem decide o que é "aceitável" somos nós mesmos, o que torna bastante elástico o conceito. Acontece que, se esse elástico se esticar demais, arrebenta. É uma espécie de instrumento autocontrolável.

Se perguntássemos a Max Weber o que ele acha dos filmes citados, provavelmente os criticaria com veemência. Em Ciência e política, duas vocações (Cultrix) ele nos apresenta sua teoria ética, chamando de "ética da convicção" aquela mais próxima da kantiana, e de "ética da responsabilidade", a mais utilitarista. Embora ele admita que seja desejável que as duas se completem, critica a falta de comprometimento com as consequências do homem que abraça a ética da convicção: "Para dizer a verdade, se existe um problema de que a ética absoluta [da convicção] não se ocupa, esse é o problema das consequências. (...) Há oposição profunda entre a atitude de quem se conforma às máximas da ética da convicção - diríamos em linguagem religiosa, "O cristão cumpre seu dever e, quanto aos resultados da ação, confia em Deus" - e a atitude de quem se orienta pela ética da responsabilidade, que diz: "Devemos responder pelas previsíveis consequências de nossos atos." (pág. 113).

Weber vai além e cita especificamente o caso de guerras. Para ele, é contraproducente, pelo prisma da ética da responsabilidade, desenterrar "verdades" a respeito de uma guerra vencida: "Documentos novos, trazidos a conhecimento público dezenas de anos após o término de um conflito, só podem ter como resultado o despertar de clamores injustificados, cólera e ódio, quando melhor seria esquecer a guerra, moralmente ao menos, depois de ela terminada. (...) Essa espécie de ética [da convicção] só se preocupa com a culpabilidade no passado, questão estéril do ponto de vista político, porque insolúvel. (...) E não chega a preocupar-se com o que constitui o interesse próprio do homem político, ou seja, o futuro e a responsabilidade diante do futuro." (pág. 110).

Por mais que se critique o "imperialismo americano" (crítica infantil, por sinal, pois quem critica mais gostaria de ser, ele próprio, um império), é preciso conceder-lhes o benefício da capacidade (e liberdade) para a autocrítica. Apesar de permanecer a pergunta: como os americanos se deixaram levar pela mentira quando ela parecia ao resto do mundo tão provável? A resposta foi dada pelo general iraquiano de Zona verde - porque eles queriam acreditar. E o governo Bush/Cheney? Era só uma questão de achar o bode expiatório para descarregar a raiva, ou haveria motivações econômicas de proporções que nem sonhamos? Weber que me desculpe, mas seria ótima ideia desenterrar essas verdades.

Kant, Weber e a mentira

A ética de Kant é a ética dos santos, como diz Weber. E, se tem um calcanhar de aquiles ideal, esse é o tema da mentira. Benjamin Constant percebeu isso, e Kant, por sua vez, nem com malabarismos argumentativos conseguiu respondê-lo satisfatoriamente em "Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade" (incluído entre os **Textos seletos**, Vozes, 2005, trad. Floriano de Souza Fernandes, introdução de Emmanuel Carneiro Leão, p. 72-78).

Ciência e política, duas vocações tem uma edição pela Cultrix, com tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota, e prefácio de Manoel T. Berlinck.

O príncipe da Pérsia - As areias do tempo e Zona verde são facilmente encontrados em locadoras. Meu **Kafka** é em VHS, mas existe uma versão em DVD da Lume.



Matt Damon, em Zona verde. No filme, ele precisa encontrar armas de destruição em massa escondidas no Iraque, mas se depara com a farsa por trás da missão



Max Weber, **Ciência e Política: Duas Vocações**, Editora Cultrix, 2004, 128 págs.



Flávio Paranhos é Médico (UFG) doutor (UFMG) e Research Fellow (Harvard) em Oftalmologia. Mestre (UFG), doutorando (UFSCar) e Visiting Fellow (Tufts) em Filosofia. Autor do livro de contos Epitáfio e coordenador da Coleção de Filosofia & Cinema (Nankin Editorial). Revista Filosofia, fevereiro de 2011

Complexo de Roberto Carlos (MÁRCIA TIBURI)

A amizade e o fundamento subjetivo das redes sociais

"Eu quero ter um milhão de amigos" é o famoso verso da linda canção "Eu Quero Apenas", de Roberto Carlos. Adaptado aos nossos tempos, o verso representa o anseio que está na base do atual sucesso das redes sociais. Desde que Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, LinkedIn e outros estão entre nós, precisamos mais do que nunca ficar atentos ao sentido das nossas relações. Sentido que é alterado pelos meios a partir dos quais são promovidas essas mesmas relações.

O fato é que as redes brincam com a promessa que estava contida na música do Rei apenas como metáfora. O que a canção põe em cena é da ordem do desejo cuja característica é ser oceânico e inespecífico. Desejar é desejar tudo, é mais que querer, é o querer do querer. Mas quem participa de uma rede social ultrapassa o limite do desejo e entra na esfera da potencialidade de uma realização que vem tornar problemática a relação entre real e imaginário. Se a música enuncia que "eu quero ter um milhão de amigos", ela antecipa na ala do desejo o que nas redes sociais é seu cumprimento fetichista. E o que é o fetichismo senão a realização falsa de uma fantasia por meio de sua encenação sem que se esteja a fazer ficção? Torna-se urgente compreender as redes sociais quando uma nova subjetividade define um novo modo de vida caracterizado pelo que chamaremos aqui de complexo de Roberto Carlos.

Tal complexo se caracteriza pelo desejo de ter um milhão de amigos no qual não está contido o desejo de ter um amigo verdadeiro, muito menos único. A impossibilidade de realização desse desejo é até mesmo física. Não seria sustentável para o frágil corpo humano enfrentar "um milhão" de contatos reais. Na base do complexo de Roberto Carlos está a necessidade de sobrevivência que fez com que pessoas tenham se reunido em classes sociais, famílias, igrejas, partidos, grêmios, clubes e sua forma não regulamentada que são as "panelas". Um milhão de amigos, portanto, ou é metáfora de canção ou

é fantasmagoria que só cabe no infinito espaço virtual que cremos operar com a ponta de nossos dedos como um Deus que cria o mundo do fundo obscuro de sua solidão. Complexo de Roberto Carlos, de Rei, ou de Deus...

Questão fantasmagórica

A questão é da ordem do imaginário e de sua eficiente colonização. Não haveria o que criticar nesse desejo de conexão se ele não servisse de trunfo exploratório sobre as massas. Refiro-me às empresas de comunicação digital que usam o desejo humano de conexão e comunicação como isca para conquistar adeptos. Amizade é o nome dessa isca. Mas o que realmente está sendo vendido nessas redes se a amizade for mais que isso? Certamente não é a promessa de amizade, mas a amizade como gozo: a ilusão de um desejo realizado. E quando um desejo se realiza? Apenas quando ele dá lugar à aniquilação daquilo que o impulsionava. Logo, o paradoxo a ser enfrentado nas redes sociais é que a maior quantidade de amigos é equivalente a amizade nenhuma. A amizade é como o amor, que só se sustenta na promessa de que será possível amar. Por isso, quando se sonha com o amor, ele sempre é desejo de futuro, no extremo, de uma eternidade do amor. O mesmo se dá com a amizade. Um amigo só é amigo se for para sempre. Mas quem é capaz de sustentar uma amizade hoje quando se pode ser amigo de todos e qualquer um?

De todas as redes sociais, duas delas, Orkut e Facebook, usam a curiosa terminologia "amigo" para nomear seus participantes. Certamente o uso da palavra não garante a realidade do fato, antes banaliza o significado do que poderia ser amizade, como mostra o recente filme *A Rede Social* (*The Social Network*, 2010), dirigido por David Fincher. O filme não é apenas um retrato de Mark Zuckerberg, o jovem e bilionário criador do Facebook, mas uma peça que pode nos fazer pensar sobre o sentido que nosso tempo digital dá à amizade.

Mark Zuckerberg, como personagem do filme, é o sujeito excluído de um clube. Dominado pelo básico desejo humano de "fazer parte", ele decide criar seu próprio clube. No filme, ele consegue ter milhares de "conectados" – na realidade o Facebook hoje conecta 500 milhões de pessoas ou "amigos" – e perder seu único amigo verdadeiro, Eduardo Saverin. A amizade é a básica e absoluta forma da relação ética, aprendida como função fraterna no laboratório familiar e na escola; ela é uma qualidade de relação. Tratá-la como quantidade é a autodenúncia de seu fetiche e de sua transformação em mercadoria. O valor do filme está em mostrar a inversão diante da qual não há mais nenhuma chance de ética: um amigo não vale nada perto de milhões, como uma moedinha que perde seu valor diante de um cofre cheio. Amigos transformados em números não são amigos em lugar nenhum, nem na metáfora de Roberto Carlos, que serve aqui para denunciar criticamente o mundo do qual somos responsáveis junto com Mark Zuckerberg.

marciatiburi@revistacult.com.br - Revista CULT, fevereiro de 2011

Pin Ups descartáveis e espelhos tortos no BBB (MALU FONTES)

O jornalismo esportivo e, diga-se de passagem, com um empurrão e tanto da televisão, corticalizou nos consumidores de informação esportiva, a ideia do ex-jogador Edmundo como sinônimo de "Animal", assim com A maiúsculo mesmo. Sim, é bom desmontar a máscara da hipocrisia e lembrar que a cada carro que Edmundo batia, sequelando ou matando gente, a cada grosseria, palavrão ou agressão física encenados por ele, dentro ou fora do mundo dos gramados, um determinado tipo de público de fato ensaiava um aplauso ao rotulá-lo de animal. Ou seja, era uma forma quase carinhosa de sua torcida de dizer, ao mesmo tempo, que, justamente por ser do tipo bad boy, ele era "o cara" daqueles tempos idos.

Os bad boys do futebol sempre foram uma fôrma e tanto para gerar para o mundo da mídia e para os programas populares de TV, desses que morrem de inanição se não tiverem em sua pauta onze baixarias a cada dez atrações exibidas, as moçoilas até hoje conhecidas como Marias Chuteiras. Graças a um espermatozóide extraído do "Animal", com a mesma técnica e eficiência com que o Brasil jactou-se de ter feito igualzinho com Mick Jagger, uma dessas moçoilas se consagrou como uma das bem sucedidas de sua época, dessas que migram com uma flexibilidade admirável dos estádios para as orgias dos queridinhos da bola, daí para musa de uma escola de samba e disso para as revistas masculinas do tipo A para C, E até chegar ao Z. Fala-se aqui de Cristina Mortágua, uma das principais pin ups do circuito futebol, escola de samba, revistas de nudez e programas de TV que só não se assumem como trash oficialmente porque nunca conseguirão aprender e gravar o que significa isso.

BESUNTADA - O fato é que as meninas que ascenderam na vida fazendo a trajetória de Mortágua andam meio fora de moda desde que a própria televisão inventou uma fórmula de produzi-las ela mesma em série e em safra suficiente para o ano todo. E por mais de uma emissora: os realities shows. O canto do cisne da decadência de Mortágua, a *pin up* do Animal, foi um ensaio fotográfico recente que tinha tudo para ser vendido como vomitífero: para matar as saudades do tempo de capa de revista, Cristina posou seminua e besuntada de óleo, com direito a peitos de fora e beijo na boca, tendo como par erótico ninguém menos que o próprio filho tido com (e desde a gravidez rejeitado por) Edmundo.

Esta semana, Mortágua, com cara e performance de quem homenageava a avó malvada e nojenta da "Quiara" de Mariana Ximenes em *Passione*, voltou a ser manchete e notícia nos jornais, sites e programas bizarros de TV. Foi presa por espancar o filho, sim, o mesmo do ensaio fotográfico que, na categoria *freak* no Brasil, tem vaga garantida como *hors concours*. A razão do espancamento: a homossexualidade do garoto. Ele precisou da ajuda da empregada para ir até a delegacia dar queixa da mãe, que, chamada pela Polícia, não apenas bateu mais no filho como agrediu a delegada. Foi presa.

TRAMINHAS - Todos os lugares do mundo produzem ou importam suas pin ups sedutoras ou decadentes. É bem verdade que talvez ninguém prescinda mais delas que o burlesco Silvio Berlusconi. A propósito, o que era a boca daquela brasileira, "modelo e amiga de Berlusconi", entrevistada pela repórter papal Ilze Scamparini um domingo desses no Fantástico?! Mas, deprimente mesmo, sobretudo para as mulheres, é ver esses tipos femininos sendo literalmente construídos nos realities da televisão brasileira e dali para as capas das revistas masculinas e delas para eventos duvidosíssimos.

O que são aqueles diálogos do Big Brother? O problema com os meninos e as meninas dos BBBs, das Fazendas e que tais não é de ordem moral, e sim em função do tamanho e do perfil de uma boa parte da audiência. Simone de Beauvoir escreveu que ninguém nasce mulher. Torna-se, aprende-se. O que o público feminino pré e adolescente acha que é uma mulher quando consome, entre a admiração e a vontade de imitação, a imagem, o repertório e o comportamento das meninas inacreditáveis do BBB? A que aquelas moças convidam suas fãs ainda em formação da personalidade? E idem para os garotos da mesma idade, com os espelinhos tortos dos tipos masculinos nos mesmos programas? Só que, a favor dos meninos, parece pesar o fato de eles aparentemente demonstrarem muito menos saco para acompanhar as traminhas tatibitate desses programas que as meninas.

LIXO - O BBB é um fenômeno exclusivamente brasileiro, no que tem de potencial de inspiração torta para o público imberbe e até para aquele já nem tanto? Não. Mas certamente em nenhum lugar do mundo seus participantes sejam guindados, na escala em que o são no Brasil, à condição de estrelas, de 'artistas', junto à boa parte da audiência. A ironia está na forma como as mesmas emissoras que os criam os representam em seus produtos dramaturgicos. Para quem tem dúvida da descartabilidade do prestígio angariado pela quase totalidade dos homens e mulheres que estrelam o BBB, basta dar uma espiadinha na caricatura do seu estrelado metaforizado na personagem de Déborah Seco em *Insensato Coração*. Aquele é o futuro mais previsível das estrelas efêmeras que a TV produz em um dia para macerar no outro já como lixo descartado.

MALU FONTES é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado em 13 de fevereiro de 2011 no jornal A Tarde, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

Mídia e poder na sociedade do espetáculo (CLÁUDIO NOVAES PINTO COELHO)



A eleição de Dilma retomou o debate sobre a influência dos grandes conglomerados na opinião pública

Ilustração Adriano Paulino

Um dos principais equívocos sobre a sociedade contemporânea é o argumento de que o conjunto dos meios de comunicação, a mídia, é a instituição social mais poderosa. Fazem parte desse argumento expressões problemáticas como "sociedade midiaticizada", "cultura da mídia" etc.

Antes de mais nada, é preciso distinguir quais meios de comunicação possuem poder e que tipo de poder

exercem. Não há dúvida de que conglomerados empresariais como as Organizações Globo, no contexto brasileiro, e a News Corporation, de Rudolph Murdoch, no contexto mundial, são exemplos de instituições poderosas, que movimentam enorme quantidade de capital, influenciam comportamentos individuais e coletivos e agem politicamente, defendendo seus próprios interesses e os interesses da sociedade capitalista de modo geral. De forma alguma essas empresas podem ser consideradas como fazendo parte de uma mesma instituição social, com todos aqueles que são produtores de mensagens e utilizam algum tipo de recurso tecnológico.

O conceito de "indústria cultural", ainda que tenha sido criado por Adorno e Horkheimer na primeira metade do século passado, explica muito melhor a atuação dos meios de comunicação do que o termo "mídia", pois destaca a dimensão econômica da comunicação. Adorno e Horkheimer, no livro *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, já indicavam que os conglomerados empresariais que atuam na comunicação são fundamentais para a existência da sociedade capitalista, mas que seu poder depende do poder dos conglomerados empresariais de modo geral.

Sociedade do espetáculo e capitalismo

A própria expressão "sociedade do espetáculo" pode dar margem a interpretações equivocadas, se for entendida como o poder que as imagens exercem na sociedade contemporânea. É certo que Guy Debord, o criador do conceito de "sociedade do espetáculo", definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens.

Mas ele também deixou claro que é impossível a separação entre essas relações sociais e as relações de produção e consumo de mercadorias. A sociedade do espetáculo corresponde a uma fase específica da sociedade capitalista, quando há uma interdependência entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens. O papel desempenhado pelo marketing, sua onipresença, ilustra perfeitamente bem o que Debord quis dizer: das relações interpessoais à política, passando pelas manifestações religiosas, tudo está mercantilizado e envolvido por imagens. Mas, se a sociedade do espetáculo só pode ser compreendida dentro do contexto da sociedade capitalista, isso não quer dizer que só nessa forma de vida social ocorre a produção de espetáculos.

A produção de imagens, a valorização da dimensão visual da comunicação, como instrumento de exercício do poder, de dominação social, existe, conforme argumenta Debord no livro *Sociedade do Espetáculo*, publicado em 1967, em todas as sociedades onde há classes sociais, isto é, onde a desigualdade social está presente graças à divisão social do trabalho, principalmente a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Na sociedade feudal, por exemplo, o poder da nobreza sobre os servos estava vinculado à aparência de superioridade construída pelos nobres, mediante o uso de peças sofisticadas de vestuário, a construção de moradias com estilos arquitetônicos imponentes, a organização de festas suntuosas etc. O que permite a caracterização do capitalismo como a sociedade do espetáculo é o caráter cotidiano da produção de espetáculos, a quantidade incalculável de espetáculos produzidos e seu vínculo com a produção e o consumo de mercadorias feitas em larga escala.

O poder espetacular

Na sociedade capitalista, o poder espetacular está disseminado por toda a vida social, na qual há simultaneamente produção e consumo de mercadorias e de imagens, constituindo-se na forma difusa desse poder, conforme definição dada por Debord em 1967, ou ocorre vinculado à ação do Estado, de forma concentrada, com a produção de imagens para justificar o poder exercido por seus dirigentes.

Assim como o conceito de "indústria cultural", o conceito de "sociedade do espetáculo" faz parte de uma postura crítica com relação à sociedade capitalista. Não são conceitos pensados de maneira puramente acadêmica, como capazes apenas de descrever as características sociais, mas fazem parte de uma construção teórica que procura apontar aquilo que se constitui em entraves para a emancipação humana.

Na década de 1960, Guy Debord e os demais militantes políticos e culturais aglutinados em torno da Internacional Situacionista destacaram-se pela capacidade de influenciar um dos mais importantes movimentos sociais do século 20, que contou com a participação de milhões de estudantes e operários e entrou para a história como o movimento de maio de 1968. Os situacionistas defendiam uma ação contra a alienação presente na vida cotidiana, postulando que os estudantes e os trabalhadores deveriam retomar o controle sobre suas próprias vidas, ocupando as escolas e fábricas e passando a exercer, com base em decisões tomadas coletivamente em assembleias, o poder nessas

instituições. As ocupações aconteceram, mas fracassaram como estratégia para revolucionar a sociedade capitalista.

Em 1988, Debord publica os *Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo*, reconhecendo que, em vez de a sociedade do espetáculo ser destruída, ela se fortaleceu no período histórico posterior às lutas sociais de 1968. Nesse texto, ele afirma que a produção de espetáculos tomou conta de toda a vida social; o poder espetacular manifesta-se agora de forma integrada, já que desapareceram os movimentos sociais de oposição, que se assimilaram à sociedade capitalista e não defendem mais sua superação.

A análise feita por Debord em 1988 a respeito do poder espetacular corresponde ao momento do triunfo do neoliberalismo em escala mundial. O neoliberalismo, com a defesa da liberdade de atuação para os grandes conglomerados empresariais, significou um retrocesso nas conquistas sociais dos trabalhadores, causando o avanço do desemprego, da precarização das condições de trabalho, e o enfraquecimento dos sindicatos, movimentos sociais e partidos de esquerda.

Com o neoliberalismo, o poder dos conglomerados comunicacionais fortalece-se e a indústria cultural, articulada mundialmente, transforma-se no porta-voz ideológico do capitalismo, desqualificando qualquer visão contrária a ele como ultrapassada, promovendo assim o pensamento único, em relação ao qual não há alternativa.

O contexto contemporâneo

A atual crise econômica, que se manifesta intensamente nos Estados Unidos e na Europa e faz com que somas gigantescas, na casa dos trilhões de dólares, sejam direcionadas pelos governos para “salvar” instituições financeiras envolvidas numa verdadeira orgia especulativa, está provocando um abalo significativo no neoliberalismo e no pensamento único.

Na América Latina, esse abalo teria começado antes, com a ascensão ao poder de líderes políticos considerados de esquerda. No entanto, não é muito fácil avaliar se essa ascensão significou efetivamente um abalo no neoliberalismo, já que, na prática, são governos com atitudes bastante distintas. No Brasil, por exemplo, em que pese a melhoria das condições de vida da maioria da população com a diminuição das desigualdades sociais, houve, em linhas gerais, uma manutenção da política econômica neoliberal. Além disso, nas campanhas eleitorais e durante os mandatos presidenciais de Lula ocorreu uma farta utilização das técnicas de marketing para a produção de imagens espetaculares capazes de garantir sua eleição, reeleição e altíssimos índices de popularidade.

Mas, de qualquer maneira, a realidade contemporânea possui elementos suficientes para que uma reflexão sobre a possibilidade de um retorno da crítica teórica e prática da sociedade capitalista do espetáculo se torne indispensável. No contexto brasileiro, a vitória da candidata Dilma Rousseff significou a retomada do debate sobre um eventual declínio da capacidade de os grandes conglomerados comunicacionais influenciarem a opinião pública.

Esse debate já havia acontecido à época da reeleição de Lula, quando a atuação desses conglomerados, com a divulgação intensa de “escândalos” envolvendo figuras importantes do PT, contribuiu de forma decisiva para a existência do segundo turno eleitoral, que, no entanto, foi vencido por Lula. Na campanha de 2010, a atuação dos grandes grupos comunicacionais, em especial a mídia impressa, foi ainda mais forte contra a candidata do PT, mas o resultado final foi o mesmo: houve um segundo turno vencido por Dilma Rousseff.

Um aspecto importante, que precisa ser levado em consideração, é que é a mídia eletrônica, em especial a Rede Globo de Televisão, a principal mídia capaz de influenciar a opinião pública em escala nacional, atingindo todas as classes sociais. Ainda que a cobertura eleitoral feita pela Globo possa ser considerada favorável à candidatura Serra, basta lembrar o destaque dado à “agressão” sofrida por Serra no Rio de Janeiro: em nenhum momento ela atingiu o caráter de uma ação sistemática de desqualificação da candidatura Dilma, como a cobertura feita pela *Veja*.

Também precisa ser levado em consideração que, em São Paulo, o PSDB governa o estado há mais de uma década, com total apoio da chamada grande mídia. Além disso, José Serra foi o candidato à Presidência mais votado no estado, evidenciando o peso das posturas políticas mais conservadoras, amplamente hegemônicas no jornalismo dos grandes conglomerados comunicacionais.

Embora o governo Lula não possa ser considerado um governo que rompeu com o neoliberalismo, só o fato de ele ter sido um líder operário eleito pelo partido que se afirma como defensor dos trabalhadores e com um passado político vinculado à defesa de posições de esquerda já foi suficiente para gerar uma forte onda conservadora na grande mídia, especialmente na mídia

imprensa. Se essa onda conservadora não foi capaz de superar a imagem positiva de Lula trazida principalmente pela retomada do crescimento econômico acontecida em seu governo, ela não pode ser deixada de lado e se fez presente com força na campanha eleitoral de 2010, principalmente em torno da questão do aborto.

Como o passado político de Dilma Rousseff é ainda mais problemático do ponto de vista do conservadorismo político, visto que ela se envolveu na luta armada contra a ditadura militar, é provável que a reação conservadora seja ainda mais forte do que foi contra o governo Lula. Caso isso aconteça, é possível que o governo Dilma avance no sentido de uma ruptura com o neoliberalismo, ou pelo menos na direção de uma postura ideológica de esquerda mais definida, diminuindo o uso do marketing político e da produção de espetáculos políticos, inclusive porque, se Lula dificilmente sairá do cenário político, ele não estará mais ocupando a posição central.

Cláudio Novaes Pinto Coelho é professor da Faculdade Cásper Líbero - Revista CULT, fevereiro de 2011

Para que servem bonecos e bonecas? (CONTARDO CALLIGARIS)

KEN, O companheiro de Barbie, chega aos 50 anos e não envelhece: a camiseta de sua última versão anuncia, sem falsa modéstia, que ele continua sendo "o namorado perfeito".

Tenho mais simpatia por Barbie que por Ken. Barbie foi detestada pelas feministas por ser incansavelmente consumista e narcisista. No entanto, ela foi uma batalhadora, competindo com os garotos em todos os campos do saber e do trabalho. Ken, em compensação, sempre me pareceu desmiolado por sua própria convicção de ser o objeto irresistível do desejo de todos -homens e mulheres (tudo bem, concordo: ele se redimiou um pouco em "Toy Story 3").

Enfim, o aniversário de Ken está sendo celebrado com um novo boneco, Sweet Talking Ken (Ken fala doce), que contém um sistema de gravação e fala: você aperta seu coração e grava a frase que ele repetirá quando você soltar o botão. Nos EUA, a propaganda diz: Ele é o namorado perfeito para todas as ocasiões. Por quê? Porque ele diz tudo o que você quer que ele diga.

De fato, apresentei o boneco a uma menina de 12 anos, que aprovou: os garotos não têm muito para dizer, melhor a gente escolher o que eles vão falar. Será que ela tem razão? Eis o caso que fez que, no fim de semana passado, eu me interessasse por Ken.

Um casal de conhecidos me ligou dos EUA, preocupado. Eles ofereceram o novo Ken à filha de oito anos, e logo constataram que o irmão (quatro anos mais velho) brincava com ela feliz (fato raro). Ótimo, eles pensaram - até perceberem que o jogo funcionava assim: o rapaz se enfiava no closet, gravava uma fala de Ken, saía e soltava o botão (e o verbo) para Barbie e a irmã ouvirem. Das frases que os pais escutaram, a mais simpática era: "Vou te encher de porradas, sua vaca".

Aparentemente, a menina achava graça, mas os pais não gostaram e mandaram o rapaz escrever cem vezes "Devo respeitar minha irmã e todas as meninas". Como se não bastasse, logo naquele dia, os pais verificaram o histórico do uso da internet pelo filho e descobriram que ele tinha descarregado três vídeos mórbidos, em que uma garota, presumivelmente australiana, tortura uma boneca Barbie -quem tiver estômago, confira: migre.me/3PE9X. O rapaz confessou gostar de suplícios aplicados a bonecos e bonecas.

Recomendei um psicólogo e sugeri que o rapaz mostrasse os vídeos a seu terapeuta (se o colega fizer seu trabalho como manda o figurino, a garota australiana receberia um dia a visita preventiva de um serviço social de seu país). Agora, patologias à parte, por que será que maus-tratos e torturas aplicados em bonecos e bonecas são estranhamente populares?

Barbie é um modelo impraticável para as meninas e um sonho impossível para os meninos. Mudando os gêneros, o mesmo vale para Ken (que também é vítima de suplícios pela net afora). Barbie e Ken, em suma, são ideais inatingíveis, e essa seria uma boa razão para odiá-los: eles estariam sendo supliciados por um bando de frustrados que não conseguem ser como eles ou que não encontram parceiros como eles.

Concordo em termos: bonecas e bonecos não servem apenas para propor ideais deprimentes de tanto que eles estão fora do alcance da espécie humana, eles servem para tornar esses ideais acessíveis. Como assim? Simples: é graças aos bonecos que cada criança pode mutilar, despedaçar e queimar os ídolos que lhe são propostos.

Ao longo da infância, tive bonecos e soldadinhos lindos; mais de uma vez decidi e jurei que eu os conservaria intatos. Mas nunca consegui. Misteriosamente, minhas mãos bem intencionadas sempre acabavam os ultrajando brutalmente. Por quê? Suspeito que os bonecos nos sirvam para nos livrar do

estereótipo de nossa própria infância feliz (a infância que todos os adultos parecem desejar por nós): não sou nem serei perfeito como um boneco, até porque, de qualquer forma, olhe só, Barbie está queimando na cruz e Ken está passando por apuros parecidos. Que alívio!

De 12 a 28 de fevereiro, no shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo, Ken será homenageado na exposição "Barbie & Ken - O Casal Perfeito". Antes de passear por lá, só para se lembrar de que "perfeito" é um jeito de falar, procure, na internet, as obras dos anos 90 (David Levinthal, Carol McCullen), em que Barbie era ultrajada e deturpada, como talvez seja normal e bom que aconteça com bonecas e bonecos.

ccalligari@uol.com.br - Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011

Todos os reis estão nus (CONTARDO CALLIGARIS)

JÁ ESTÁ em cartaz (pré-estreia) "O Discurso do Rei", de Tom Hooper. O filme foi indicado ao Oscar em doze categorias; a atuação de Colin Firth (o rei) é tão inesquecível quanto a de Geoffrey Rush (o terapeuta). Resumo. Quando George 5º morreu, o filho primogênito lhe sucedeu (com o nome de Eduardo 8º), mas por um breve período: logo ele abdicou, por querer uma vida diferente daquela que o ofício de rei lhe proporcionaria. Com isso, o cadete, duque de York, tornou-se rei - inesperadamente e num momento decisivo: era a véspera da Segunda Guerra Mundial.

O duque de York (e futuro George 6º) era tímido, temperamental e, sobretudo, gago - isso numa época em que, graças ao rádio, a oratória dos ditadores incendiava as praças do mundo: na hora do perigo, para que serve um rei se ele não consegue ser a voz que fala para o povo e por ele?

O filme, imperdível, conta a história (verídica) da relação entre o rei e seu terapeuta, Lionel Logue, um fonoaudiólogo australiano pouco ortodoxo. Eis algumas reflexões saindo do cinema.

1) Qualquer terapia começa com uma dificuldade prática: uma impotência, a necessidade de um conselho, uma estranha tensão nos ombros, uma gagueira. A relação terapêutica se constrói a partir dessa dificuldade: o terapeuta é quem saberá nos livrar do transtorno, seja ele fonoaudiólogo, terapeuta corporal, eutonista, psi (de qualquer orientação) etc.

Quer queira quer não, a ação do terapeuta é dupla: relaxaremos o ombro, exercitaremos a dicção ou endireitaremos o pensamento do paciente, mas, de uma maneira ou de outra, acabaremos mexendo nas fontes de um mal-estar mais geral que talvez se manifeste no transtorno.

2) Há, às vezes (mais vezes do que parece), escondidas no nosso âmago, ambições envergonhadas ou vergonhosas, que não confessamos nem a nós mesmos. Quando sua realização se aproxima, só podemos inventar jeitos de fracassar, porque, no caso, não nos autorizamos a querer o que desejamos.

Obviamente, detestamos a voz do terapeuta que se aventura a nos dizer o que queremos, mas não nos permitimos. Essa voz atrevida é a única aliada de desejos que são nossos, mas que encontram um adversário até em nós mesmos.

3) No trabalho psicoterapêutico, o segredo de polichinelo é que, por mais que suspendamos diplomas em nossas salas de espera, somos todos leigos e aventureiros. Não sei se existem cursos ou estágios que ensinem a ouvir o que Logue ouve e entende do desejo escondido do duque de York. Certamente não há formações que ensinem a coragem maluca do terapeuta do rei, seu esforço para se colocar, sem medo, ao serviço do que o duque e futuro rei não quer saber sobre si mesmo.

4) Pensando bem, Logue (como Freud) tinha, sim, uma formação que o qualificava como conhecedor da alma humana e especialmente da dos reis: a leitura de Shakespeare.

5) Quase sempre, chega o dia em que um paciente descobre que seu terapeuta sabe muito menos do que ele (o paciente) imaginava. O paciente pode até pensar que o terapeuta, atrás de seu bricabraque de saberes práticos, é um impostor. É ótimo que isso aconteça, pois, geralmente, é sinal de que o paciente descobriu que ele também é um impostor. No caso, o terapeuta não é qualificado para ser terapeuta, exatamente como o rei não é qualificado para ser rei. (Parêntese: em geral, é assim que nasce uma amizade: os dois se tornam amigos por aceitarem estar ambos nus, como o rei da fábula - mesmo que seja só por um instante.)

Não há como ser terapeuta ou rei sem alguma impostura. Todos carregamos máscaras. Avançamos mascarados, enfeitados por mentiras que nos embelezam. Até aqui, tudo bem: essa impostura é uma condição trivial e necessária da vida social. Os melhores conhecem sua impostura e sabem que não estão à altura de sua máscara.

Os piores se identificam com sua máscara. Acreditar nas máscaras que vestimos é um delírio

que nos torna perigosos. Não há diferença entre o rei que acreditasse ser rei, o terapeuta que acreditasse ser terapeuta e o anjo exterminador que saísse atirando e matando, perfeitamente convencido de ser uma figura do apocalipse. Os três teriam isto em comum: acreditariam ser a máscara que eles vestem. Enfim, que Deus nos guarde de todos os que não enxergam sua própria nudez.

ccalligari@uol.com.br - Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011

O Brasil precisa dos professores (HERMAN VOORWALD)

A **Folha** tem apresentado nesta mesma seção importantes contribuições para a discussão pública do modelo da progressão continuada no ensino fundamental do Estado de São Paulo, em acréscimo aos editoriais, artigos e reportagens que já haviam tratado desse tema.

Em atenção às diversas opiniões sobre o assunto, cabe esclarecer que, muito mais que manter e reformular a progressão continuada, o governo de São Paulo realizará a reorganização dos ciclos dos ensinos fundamental e médio do Estado, tendo como objetivos, entre outros, a melhoria da qualidade da formação dos seus alunos e sua preparação para a cidadania e o mercado de trabalho.

O desafio de melhorar a educação pública paulista exige não só inovações na política de governo, mas também assegurar os avanços conquistados em gestões anteriores, que reverteram expectativas pessimistas na educação.

A partir de 1995, com os governos Covas e Alckmin, São Paulo implantou medidas com foco na universalização do acesso à escola, na correção das distorções de idade/ série e na redução da evasão. Hoje, quase 99% da população de sete a 14 anos do Estado está na escola. Na faixa de 15 a 17 anos, há 86,4% de alunos, maior índice do país. Com a gestão Serra, mais recentemente, tivemos a padronização curricular, com orientações aos docentes para todas as séries, inclusive por meio dos programas Ler e Escrever e São Paulo Faz Escola.

Avançamos também com as avaliações das escolas e as metas de qualidade, que proporcionam um olhar mais detalhado do sistema educacional.

Outra inovação relevante foi o programa de incentivos por meio de bônus por resultados, no qual as escolas têm metas de qualidade que, se alcançadas, geram até 2,9 salários a mais no ano para seus servidores. Todas essas conquistas serão mantidas pelo atual governo.

Mas esta gestão não se limitará a elas. É preciso modernizar a estrutura da Secretaria da Educação, que gerencia cerca de 5 milhões de alunos, 230 mil professores e 5,3 mil escolas e é baseada em um modelo administrativo anacrônico e burocrático. Elaborada a partir de 2008, a reestruturação necessária, cuja implantação já foi decidida pelo governador Geraldo Alckmin, proporcionará uma gestão muito mais ágil e eficiente.

Nosso Estado mantém três das melhores universidades do país, a Unesp, a Unicamp e a USP. Elas respondem por cerca de 40% de toda a produção científica brasileira de nível internacional. Produção esta que passou de 0,6% do total mundial no final dos anos 1980 para o atual patamar de 2,2%, perfazendo um dos mais significativos crescimentos entre todos os países. O desempenho dessas três instituições no plano acadêmico e, acima de tudo, no desenvolvimento econômico do país não aconteceu graças apenas a investimentos por agências de fomento. Esse avanço se deveu, principalmente, à inclusão, entre as prioridades institucionais, da valorização de recursos humanos por meio de plano de carreira e de política salarial.

Nessas três universidades, para obter crescentes avanços rumo à excelência, foi fundamental a consolidação de quadros de docentes e de servidores técnicos e administrativos comprometidos com a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Temos a obrigação de seguir esse exemplo com os ensinos fundamental e médio do Estado.

O Brasil precisa dos professores. Nosso objetivo maior é, portanto, a valorização dos profissionais do ensino público paulista.

HERMAN VOORWALD, 55, é secretário de Estado da Educação de São Paulo, reitor licenciado da Unesp (Universidade Estadual Paulista) e professor titular da Faculdade de Engenharia do campus de Guaratinguetá. - **Folha de São Paulo**, **Fevereiro de 2011**

Limites nas relações entre aluno e professor (JAIRO BOUER)

NAS ÚLTIMAS semanas, uma série de notícias preocupantes envolvendo a relação entre alunos e professores voltou a ocupar espaço em jornais, internet e televisão. Aparentemente, há problemas

dos dois lados.

Os professores reclamam da dificuldade do aluno em aceitar limites, respeitar o papel do professor, se concentrar nas aulas e até ser violento. Já os alunos se queixam da monotonia das aulas, da falta de estímulos e do autoritarismo.

Em qualquer tipo de relação (pai-filho, amigos, namorados, aluno-professor, patrão-empregado), há problemas. E é por isso que sempre deve haver uma margem para diálogo e negociação. Mas existem limites que são claros e devem ser respeitados. Sem eles, os próprios papéis de quem ensina e de quem aprende podem ficar pouco nítidos.

Um professor, por exemplo, não deve beber ou fumar com seus alunos, muito menos dentro da escola! Por quê? Primeiro, por lei, menor de 18 não pode beber nem fumar. Depois, porque beber e fumar não são hábitos que fazem bem para quem é mais novo. Um jovem que começa a beber ou fumar antes dos 15, por exemplo, tem muito mais chances de ter problemas com essas substâncias no futuro. E o papel de quem ensina não é justamente educar e prevenir?

Também é muito complicado o envolvimento amoroso entre alunos e professores na escola. Além da questão legal, como fica a imagem do professor frente aos seus alunos? Será que o papel de quem ajuda a entender questões centrais na vida não perde espaço nessa situação? E como fica a cabeça desse jovem?

Não é uma questão de distância absoluta ou de rigidez dos papéis. O que se discute é que, antes de ser amigo, de ter intimidade (o que pode ser bom em aula), professor é professor e aluno é aluno. Há regras, limites e respeito que devem ser observados dos dois lados.

jbouer@uol.com.br - Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011

Devagar se vai longe? (GILBERTO DIMENSTEIN)

ESTÃO CONSEGUINDO fazer aqui em Harvard a união das crenças milenares do budismo com a neurociência, mostrando como a meditação altera áreas do cérebro e produz bem-estar: menos ansiedade, depressão e dores crônicas. E até menos propensão à obesidade.

Submeteram 2.250 universitários a testes de ressonância magnética, depois de passarem por exercício de meditação. As imagens exibiram ampliação nas áreas do cérebro associadas à memória, à aprendizagem e ao equilíbrio emocional e redução daquelas ligadas ao estresse.

Essa química entre um conhecimento de 2.500 anos com neurocientistas e psiquiatras, munidos com máquinas que detalham o funcionamento do cérebro, reflete a inquietação dos cientistas diante da epidemia de ansiedade, traduzida no consumo crescente de remédios.

Por trás dessa discussão, existe a suspeita de que tanta pressa está deixando as pessoas inseguras, perdidas em meio a tanta informação. Se alguém não estiver apressado ou, pelo menos, parecendo apressado, deve ser um desocupado e, portanto, um fracassado.

Professor de psicologia da faculdade de medicina de Harvard, Ronald Siegel criou um centro de pesquisa, próximo ao campus, em que se investigam os efeitos da meditação e como colocá-la no cotidiano. Ele lançou recentemente um livro sobre técnicas da atenção ("Mindfulness Solution").

Todos daquele instituto são professores ou pesquisadores convencidos de que aprender a se concentrar, vivendo melhor o tempo presente, produz gente mais equilibrada e eficiente. O que, segundo eles, ajuda os efeitos dos remédios e da terapia.

São ensinadas técnicas simples. Ronald Siegel, por exemplo, caminha de um jeito diferente: ele se concentra em cada passo e observa como o movimento produz reações em seu corpo. Deixa-se entregar ao voo de um passarinho, à brisa que bate em seu rosto ou aos risos de uma criança brincando no parque, sempre observando como cada coisa se passa dentro dele. "Estar presente de fato, não fugir da realidade, é um jeito de moldar o cérebro para as adversidades", diz o professor. Estar presente não significa, acrescenta, sentir só a brisa no rosto num dia primaveril, mas não fugir do sofrimento.

A pressa é um dos fatores que estimulam a obesidade. Na semana passada saiu um relatório mostrando como está acelerando mais do que se imaginava a epidemia do sobrepeso.

Para ajudar os pacientes a se alimentarem melhor, o Boston Medical Center se inspira nas lições de meditação. Aprendem a saborear uma única passa durante vários minutos, experimentando diversas sensações. Trava-se, assim, uma guerra contra o fast-food.

Não estivéssemos falando de gente que ensina na faculdade de Medicina de Harvard, cujas descobertas foram publicadas em duas revistas acadêmicas de psiquiatria, este artigo iria parecer

reflexão de hippie esclerosado ou bicho-grilo. Foram feitos vários testes revelando que a dependência da informação é semelhante, em muitos casos, à dependência química. Isso é o que se vê quando se pede para que os jovens fiquem sem acesso a internet e longe do celular. Responde-se apenas ao estímulo externo, na busca diária de mais um aplicativo (o mais baixado, durante muito tempo, foi um que reproduzia os efeitos sonoros da flatulência).

Não se está fazendo uma daquelas críticas retrógradas às tecnologias, afinal quem não quer usar o Skype ou ter acesso aos amigos pelo Facebook? Na semana passada, o Google divulgou um projeto que permite uma visita virtual a alguns dos melhores museus do mundo, com chance de dar zoom nas obras. O problema é saber até que ponto tanta informação exterior inibe o autoconhecimento interior.

Segundo os textos de Ronald Siegel, não viver a tristeza, comum a qualquer ser humano, é sedimentar o caminho para a depressão. Imagina-se muitas vezes, nesta era do entretenimento, que tristeza é uma falha a ser enfrentada com drogas ou remédios tarja preta. "Quando não se está presente, não se vivencia nem a tristeza nem a felicidade", diz ele.

O problema é que pressa em excesso tem gerado desequilíbrios, que acabam numa mesa de cirurgia ou no divã de um psiquiatra. Por isso, há quem aposte que uma das tendências contemporâneas é fazer menos coisas e com mais qualidade, na suposição de que, como diz o ditado, quem tem pressa come cru - e quente.

PS- Um bom uso da tecnologia. Harvard e MIT, duas das melhores universidades americanas, têm colocado mais aulas na internet, acessíveis a qualquer um. Coloquei alguns endereços no www.catracalivre.com.br.

gdimen@uol.com.br - Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011

Quibes, queijos e vinhos (LUIZ FELIPE PONDÉ)

OS ÁRABES foram às ruas. Os paquistaneses (muçulmanos, mas não árabes) vivem nas ruas pedindo a cabeça de algum inimigo do Islã. Pensar que estamos diante da "aurora" de um novo mundo árabe democrático é uma piada.

Imagino como alguns "sacerdotes da religião do povo" (populismo para intelectuais de esquerda?) devem ficar emocionados, lembrando (fantasiando?) os grandes dias do Maio de 68 na França.

Se lermos as colunas de Nelson Rodrigues (editora Agir) da época, encontraremos questões como: afinal, o que querem esses estudantes parisienses se não cortaram nenhuma cabeça? Que revolução é essa que acabou em croissant?

De uma hora para outra, a moçada francesa voltou para casa para tomar vinho e comer "un petit fromage". Centenas de teses pelo mundo tentam até hoje explicar a razão de a "revolução do desejo" de Maio de 68 ter acabado de repente, sem nenhuma razão.

Diferentemente dos jovens americanos, que tinham um motivo concreto para protestar (a horrível Guerra do Vietnã), os meninos franceses estavam cheios de tédio, naquela vidinha chata de gente rica, e resolveram brincar de "comuna de Paris".

No fundo, queriam "o direito" de transar com as colegas nos dormitórios da universidade, alguns meninos queriam "o direito" de transar com outros meninos (sob a bênção filosófica do mestre Foucault, que, aliás, no começo da Revolução Islâmica do Irã, tinha frisson por ela), e alguns, como sempre, não queriam mesmo é ir para a aula e virar gente grande. Mas os "sacerdotes do povo" fizeram seu trabalho e transformaram aquela festa em grande fenômeno histórico.

A verdade é que não se sabe no que vai dar essa "revolução do quibe" no mundo árabe.

Pessoalmente, espero que consigam viver melhor e se livrem dos "partidos de deus".

Mas o que é viver melhor? Para mim, que não sou relativista e acho a democracia liberal ocidental o melhor sistema político conhecido e gente que amarra toalha na cabeça para gritar "morte aos infiéis!" gente atrasada, viver melhor é poder ganhar dinheiro e pagar suas contas, consumir coisas que queremos consumir, transar com quem você quiser, não ter que aturar maridos espancadores, não ser obrigado a sustentar mulheres de que você não gosta mais, não ser obrigado a rezar se você não quiser, poder rezar se você quiser para o deus que você quiser, não ter que achar seu governante "o salvador do povo". Enfim, coisas básicas, não?

Mas o fundamentalismo islâmico (que não é a mesma coisa que islamismo) não pensa assim.

Se, por um lado, não se pode afirmar que o Egito vá virar o Irã (que alguns ainda acham ótimo porque "enfrenta o imperialismo americano"... risadas...), por outro, negar o risco do fundamentalismo islâmico na região em questão é uma piada. Pura má fé teórica.

Risco aqui não significa apenas tomar o poder, significa minar a sociedade, enterrando as pessoas nesse "pântano de deus" onde fundamentalistas crescem como praga na lama. Essas pessoas que estão nas ruas querem emprego. Se eles falam em "liberdade", fazem-no porque aprenderam com o Ocidente capitalista malvado. Não estão movidos por ideologias de Maio de 68.

Espera aí... Qual era mesmo a ideologia? Reclamar da TV, do cinema, de ter que arrumar o quarto, de ter que fazer prova na faculdade?

Que tal o Líbano, que virou refém do Hizbollah (o partido de deus), esse grupo muito pacifista e democrático? Ou a irmandade islâmica do Egito, que está "gozando" com tudo isso? E os democráticos do Hamas? Que tal mandar um desses populistas de esquerda passar uns dias com eles para discutir "liberdades individuais"? E se o voto direto por lá eleger outro Hamas?

Muitas análises são feitas a partir do que em filosofia se chama "wishful thinking" (pensamento contaminado por "desejos escondidos"). Muita gente projeta sobre esses fenômenos seus pequenos sonhos de grandeza teórica.

Esses países não têm a divisão moderna entre religião e Estado. Negociar com eles é negociar com o Islã, não nos enganemos. O necessário é falar com o Islã e seus líderes, a fim de "isolar" a praga do fundamentalismo.

ponde.folha@uol.com.br - Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011

Contra a exploração sexual pela internet (BENEDITO R. DOS SANTOS e MARIA BRETAN)

CRIANÇAS E ADOLESCENTES que usam as tecnologias de informação e comunicação sem supervisão podem ser levados a sites com conteúdo pornográfico, a publicar fotos e informações pessoais inadequadas em redes sociais ou, pesadelo de pais e mães, a bater papo com o novo "amiguinho" sem saber que, do outro lado da tela, há, na verdade, um adulto com intenção de atraí-los para fins de abuso, exploração sexual ou tráfico de seres humanos.

Com o objetivo de prevenir esses e outros riscos, hoje, 8 de fevereiro, comemora-se o Dia da Internet Segura. A campanha incentiva ações de prevenção virtuais e/ou presenciais e, em 2011, mobiliza 65 países, com o tema "Estar on-line é mais que um jogo. É sua vida".

Para participar, basta realizar sua ação e divulgá-la gratuitamente no seguinte site: www.diadainternetsegura.org.br.

Afinado com essa campanha, desde 2009 o Projeto CPP Brasil -Parceria para a Proteção da Criança e do Adolescente, desenvolvido pelo Instituto Internacional dos Direitos e Desenvolvimento da Criança (Canadá), potencializa e repercute iniciativas de instituições como SaferNet Brasil, Childhood Brasil, Polícia Federal, Polícia Militar do Estado de São Paulo, ABMP e Plan Brasil, promovendo o uso seguro das tecnologias para prevenir a violência sexual contra crianças e adolescentes e fortalecendo agências de aplicação da lei para responsabilizar ofensores.

Medidas preventivas eficazes engajam ativamente crianças e adolescentes a identificar riscos e a buscar soluções, promovendo mudança: de comportamentos de risco a comportamentos seguros.

É essencial não apenas educar sobre valores e direitos como (auto)respeito e dignidade, mas também tecer uma rede de proteção envolvendo os atores do sistema de garantia de direitos: amigos, famílias, escolas, polícias e, especialmente, LAN houses, local em que tantos jovens navegam, quase sempre desprotegidos.

Com base nessas premissas, dois jogos eletrônicos educativos estão sendo desenvolvidos no âmbito do projeto, envolvendo crianças e adolescentes em todo o processo.

Também são necessários investimentos no desenvolvimento de tecnologias para recebimento de denúncias e investigação de crimes e na oitiva humanizada de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, para a responsabilização de ofensores conforme a lei.

O Projeto CPP Brasil alinha-se ao Dia da Internet Segura mirando idêntico horizonte: despertar e engajar famílias, Estado e sociedade na construção de rede ativa de proteção de crianças e adolescentes contra a violência e a exploração sexual facilitadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

BENEDITO RODRIGUES DOS SANTOS, 54, antropólogo, é professor e pesquisador da Universidade Católica de Brasília e consultor do Projeto CPP Brasil - Parceria para a Proteção da Criança e do Adolescente. E-mail: beneditos@ucb.br.

MARIA EMILIA ACCIOLI N. BRETAN, 34, doutoranda em direito pela USP, professora da Facamp (Faculdades de Campinas) é gestora do Projeto CPP Brasil. E-mail: ebiicrd@uvic.ca - **Folha de São Paulo, Fevereiro de 2011.**